

LITERATURA INFANTIL NO BRASIL: A QUESTÃO NACIONAL

Children's Literature in Brazil: The National Question

André Dela Vale

Coordenação História/Filosofia e Membro do Grupo de Pesquisa: *Arte, Educação e Sociedade* da UniFavenei, Guarulhos-SP,
coordenacaohistoria@unifavenei.com.br

INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo apresentar alguns elementos históricos do desenvolvimento da literatura infantil na Europa e, conseqüentemente, a forma como esse gênero literário acaba migrando para o Brasil, e as principais discussões e aspectos políticos, sociais e culturais que os autores brasileiros acabaram por imprimir em suas obras, nas primeiras décadas do século XX.

MATERIAL E MÉTODOS

Utilizando alguns principais autores sobre a história e desenvolvimento da Literatura infantil no Brasil, a saber, Lajolo e Zilberman (1991), NAXARA, (2002) e Botelho (2002), este texto faz um duplo movimento: a) identifica o surgimento da literatura infantil na Europa, buscando inserir o literatura infantil brasileira nesse processo e b) entende que a “Questão Nacional” como um elemento que, mesmo de forma diferente, aproxima os primeiros e mais importantes autores do início do século XX no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos identificar ou, em certo sentido, datar o surgimento de uma literatura voltada exclusivamente para a infância na passagem do século XVII para o século XVIII, momento histórico, em que segundo o autor Chartier (2006), a Europa já vinha desenvolvendo o conceito de infância. No entanto, nesse mesmo período histórico, apesar de identificarmos o esforço para o desenvolvimento da literatura infantil, ainda demoraria mais dois séculos para que os autores de literatura infantil fossem reconhecidos socialmente. As autoras Lajolo e Zilberman (1991) nos informam que, no século XVII, o autor Charles Perrault, apesar de ser reconhecido no meio intelectual, por produzir literatura infantil, preferiu atribuir a autoria de seu livro a seu filho, pois a literatura infantil ainda não era legitimada socialmente.

Um dos aspectos fundamentais do desenvolvimento da literatura infantil foi a Revolução Industrial, que acabou por impulsionar e modificar radicalmente as publicações e o mercado livreiro, na medida em que tornava as publicações mais rápidas, aumentava as tiragens dos livros e barateava o seu custo (LAJOLO E ZILBERMAN, 1991, p. 15-16). A Revolução Industrial ao forçar o desenvolvimento urbano e o êxodo rural, acaba por consagrar não apenas o núcleo familiar burguês como modelo ideal de organização de social, como

também favorece o desenvolvimento de outras instituições sociais, tais como, a escola, o mercado literário e todo um conjunto de objetos para o consumo infantil.

Segundo Lajolo e Zilberman (1991, p.17), a família nuclear burguesa, tendo o pai como centro de seu poder, elege como seu principal objetivo a proteção da criança, que passa a ter um papel importante na sociedade, pois acaba por influenciar e gerar o surgimento de um mercado consumidor, ou seja, além da valorização social da criança surge um conjunto de produtos industrializados, produzidos especialmente para as crianças, criando um novo nicho de mercado. Dentre esses produtos, está a literatura infantil.

A escola passa a ser outro elemento importante nesse contexto, pois ao passar a ser obrigatória para as crianças europeias, entendia-se que a escola deveria preparar as crianças para, posteriormente, enfrentar o mundo dos adultos, tornando-se uma espécie de mediadora entre a família e a sociedade. Lajolo e Zilberman (1991, p.18) ainda nos informam que a escola passou a “*enxugar do mercado um contingente respeitável de operários mirins, ocupantes, nas fábricas, dos lugares dos adultos...*”.

Com a importância crescente da vida escolar e com o desenvolvimento de um mercado consumidor infantil, a literatura passa a ser uma mercadoria que, ao mesmo tempo, serve de distração e entretenimento para as crianças, como também passa a compor o material escolar. A escola passa a influenciar não só o consumo de livros e materiais infantis, mas também prepara e instrumentaliza, por meio da alfabetização e do hábito da leitura, as crianças para esse mercado consumidor.

É importante não esquecermos, que a literatura infantil ao ser produzida por adultos vai carregar um conjunto de conhecimentos e valores que os adultos pretendem inculcar na criança, criando a representação de um mundo idealizado, em que o escritor de livros infantis “*inevitavelmente um adulto, transmite a seu leitor um projeto para a realidade histórica, buscando a adesão afetiva e/ou intelectual daquele*”. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1991, p. 19).

• A Literatura Infantil no Brasil

Diferentemente da Europa, a literatura infantil resistiu em se desenvolver no Brasil, tanto que durante os períodos de nossa história colonial e no decorrer dos impérios, foi produzida muito pouca literatura infantil. O que pode ser encontrado são poucas produções realizadas por jornais e algumas traduções feitas, na sua maioria, em Portugal e trazidas ao Brasil, principalmente, de autores franceses.

A produção literária com foco na criança sofreu significativas mudanças no fim do Segundo Império e nas primeiras décadas do Regime Republicano, momento em que o mercado livreiro brasileiro passou por reformulações e mudanças, surgindo novas editoras, que passam a produzir em relativa quantidade e diversidade, passando a existir um consumo maior de literatura, além da necessidade de se produzir e fornecer mais materiais didáticos para as novas reformulações pelas quais passava o sistema educacional brasileiro.

Esse momento de maior procura e desenvolvimento da literatura infantil brasileira coincide com o começo da industrialização nacional, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que, em grande parte, foi financiada pela produção e exportação do café brasileiro, pelo surgimento de grandes cidades mais urbanizadas e por um comércio mais forte, como podemos observar nas palavras de Lajolo e Zilberman:

Decorrente dessa acelerada urbanização, que se deu entre o fim do século XIX e o começo do século XX, o momento se torna propício para o aparecimento da literatura infantil. Gesta-se aí as massas urbanas que, além de consumidoras de produtos

industrializados, vão constituindo os diferentes públicos, para os quais se destinam os diversos tipos de publicações feitos por aqui: as sofisticadas revistas femininas, os romances ligeiros, o material escolar, os livros para crianças. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1991, p. 25).

Um dos marcos do desenvolvimento de publicações para as crianças brasileiras teve origem em 1905, com a publicação da revista “O Tico Tico”, passando a ser um grande sucesso de venda e perdurando por vários anos (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 27), marcando definitivamente o desenvolvimento da produção literária infantil brasileira e seu mercado consumidor.

Não podemos deixar de mencionar que novas e variadas políticas surgiram com o advento do governo republicano, buscando a reformulação do sistema educacional brasileiro, as quais também passaram a contribuir como incentivo para a ampliação do mercado e do espaço político e literário de novos e velhos escritores, agora com uma nova área de atuação, qual seja, a literatura infantil, que, como veremos a seguir, terá, nas primeiras décadas do século XX, uma forte conotação política.

• A Questão Nacional

Com a Proclamação da República em 1889, o cenário que envolvia a literatura infantil brasileira mudaria drasticamente. O novo governo, que se estabeleceu com um golpe militar, não tinha o apoio popular o que obrigava a construção de símbolos e de políticas que o legitimassem frente aos seus cidadãos.¹

É nesse cenário que a literatura infantil terá um campo maior para se desenvolver, pois essa não irá apenas tratar de contos de fadas e de histórias fantasiosas, mas vai empreender em seus livros, visando as crianças em idade escolar, temas importantes para o cenário político e econômico brasileiro. Nesse sentido, mais uma vez as experiências das publicações europeias servirão de inspiração e de exemplo para os escritores brasileiros, como podemos observar na passagem a seguir:

A adaptação do modelo europeu que nos chegava geralmente através de Portugal, nesse primeiro momento da literatura infantil brasileira, não se exerceu apenas sobre o conto de fadas. Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 32).

A literatura infantil brasileira, nas primeiras décadas do século XX vai, entre outros elementos, abordar como deveria ser a formação do povo brasileiro: que comportamento deveriam ter homens, mulheres e crianças que, de alguma forma, deveriam enfrentar um mundo que se tornava moderno, o que traria novos dilemas e novas exigências para um país que havia pouco tempo era governado por um imperador e que tinha a maior parte de sua população vivendo em regime de escravidão.

A seguir apresentaremos alguns exemplos de como os autores de literatura infantil, nas primeiras décadas do século XX, empreenderam em seus livros e personagens um projeto de Brasil, pretendendo influenciar e informar as crianças em idade escolar, leitores ideais de seus

¹ Sobre as construções dos símbolos republicanos ver: **CARVALHO, J. M. A Formação das Almas**, São Paulo: Cia das Letras, 2005.

livros. São eles: Monteiro Lobato, Tales de Andrade e Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Esses autores, cada um a sua maneira, discutiram em suas obras temas fundamentais para um país que surgia, que tinha uma população diversa e que sofria uma pressão enorme para se modernizar.

• Monteiro Lobato e o seu Jeca Tatu

Um dos principais nomes da crítica de arte e da literatura brasileira da primeira metade do século XX, Monteiro Lobato, ficou conhecido nacionalmente como o criador do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, um conjunto de contos e histórias envolvendo realidade e fantasia. No entanto, outro personagem, pela forma como foi desenvolvido e pelas suas características físicas e morais, nos chama mais a atenção: o Jeca Tatu.

A primeira publicação contendo o personagem Jeca Tatu data de 1914, e vai carregar e materializar uma imagem forte do homem do interior brasileiro, mais precisamente do interior de São Paulo e Minas Gerais: o caipira, sendo este uma figura triste, estagnada no tempo e, principalmente, absolutamente contrária ao progresso e as transformações sociais, culturais e industriais que a modernidade exigia no início do século XX, conforme nos relata a historiadora Naxara:

Monteiro Lobato combatia a visão edulcorada, apresentando ao público um Jeca Tatu como regra de um caipira brasileiro, despido de qualquer romantismo, com uma carga negativa enorme, como sendo impermeável ao progresso e à civilização. Sua figura era a de um ser sombrio, comparada ao urupê [um tipo de fungo], fugindo à luz, desenvolvendo-se nos lugares escuros da natureza, sem nada de criador, sem iniciativa, parasita da sociedade. (NAXARA, 2002, p. 24,25).

“Parasita da Sociedade”: essa é a imagem chave do personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato, pois, ao mesmo tempo, ele resiste às mudanças do seu tempo histórico e não produz, não é criativo e, portanto, não desenvolve cultura, sendo apenas um ser nocivo à sociedade e à natureza, é um parasita do meio em que vive. Essa é a caracterização do homem do interior brasileiro que Monteiro Lobato empreende no personagem Jeca Tatu, entendendo-o como um empecilho para a modernização que o Brasil precisava, seguindo o rastro de toda a transformação política e econômica que o governo republicano pretendia implantar.

Como a modernidade estava posta no cenário mundial e a transformação do Brasil se fazia necessária, para Monteiro Lobato, era também urgente a superação do homem do interior brasileiro, personificado no Jeca Tatu. Tal personagem deveria desaparecer, se transformar, para não impedir o progresso brasileiro, e a forma encontrada por Lobato foi que este homem fosse curado pela medicina sanitária – que nesse momento histórico tinha em Osvaldo Cruz o grande precursor brasileiro. Assim, o Jeca Tatu seria curado, transformado, tornando-se um novo brasileiro.

Essa era a imagem do homem do campo, do caipira e das necessidades nacionais que Monteiro Lobato imprimiu no seu personagem Jeca Tatu, que passava para as crianças leitoras de seus contos, como deveria ser o comportamento dos brasileiros, ou seja, delas mesmas. Veremos a seguir que nem todos os escritores desse período histórico descreviam o homem do campo e a modernidade da mesma maneira como fazia Monteiro Lobato.²

² Cabe lembrar que o personagem Jeca Tatu acabou sendo reformulado com o passar do tempo, e Monteiro Lobato acabou por transformar parte de suas características aqui exploradas.

• Tales de Andrade e o Homem do Campo

Tales de Andrade, nascido em Piracicaba em 1890, neto de professores e sitiantes, tornou-se professor e dedicou sua vida à literatura, escrevendo romances, contos infantis e cartilhas, todos com a intenção de serem utilizados nas escolas, perfazendo sua criação literária, aproximadamente trinta livros entre contos e romances. Do conjunto da obra de Tales de Andrade, nenhum livro ficou mais conhecido que “Saudade” (1974). Escrito em 1917 e publicado em 1919, conta, até os dias atuais, com mais de noventa edições. A primeira edição foi publicada pelo governo do estado de São Paulo, o que lhe confere um caráter oficial, numa tiragem de 15 mil livros. No mesmo ano, segundo Arroyo (1968, p. 24) o Jornal de Piracicaba organiza mais uma edição de mais 20 mil livros.

Diferentemente de Monteiro Lobato, que caracterizava o caipira brasileiro como alguém triste, parado no tempo e sem criatividade, Tales de Andrade procura empreender nos personagens de “Saudade” outras características, tornando o homem do interior, o sitiante, o principal personagem da nação. O homem do campo é bom e trabalhador, e passa a ser o exemplo para a nação porque produz o campo, fornecendo alimentos para a sua família e para o sustento do Brasil. Para Tales de Andrade, ele não está parado no tempo, ao contrário, é empreendedor, pois lavra a terra, transforma a mata em campo produtivo. O lugar deste homem é o campo e é lá que ele deve permanecer.

Outra diferença marcante que identificamos entre o Jeca Tatu de Monteiro Lobato e o homem do campo de Tales de Andrade é a relação com a modernidade do século XX. Se, para Lobato, o homem do campo, o caipira, é um empecilho para a modernidade do país e este inevitavelmente será superado, para Tales de Andrade o homem do campo deve resistir à modernidade, permanecendo no campo, educando seus filhos para continuarem sua profissão e vida no sítio, entendendo o campo como o lugar da saúde, da felicidade e do contato constante com a natureza. Já a cidade (símbolo para Andrade da modernidade) carrega consigo males, tragédias e doenças. O campo é o lugar da fartura, como podemos observar nessa passagem do livro “Saudade”:

Dantes, quando possuía a fazenda, tudo parecia cair do céu por descuido. Não pagava aluguel de casa, não pagava água, lenha, café, feijão, arroz, batatas, cebola, banha, leite, queijo, manteiga, frangos, ovos, verduras, frutas, flores... (ANDRADE, 1974, p. 15)

Tales de Andrade, diferentemente de Lobato, não vai enxergar a modernidade do século XX como algo bom, mas com muitas preocupações, fazendo com que seus livros, destinados ao público infantil, sejam carregados de informações e de valores que vão procurar informar sobre a importância do campo, do homem do campo, acabando por estabelecer um contraponto ao projeto modernizador que o governo republicano tentava implementar.³

• Manuel Bonfim e Olavo Bilac: Através do Brasil

O livro “Através do Brasil” (BILAC & BONFIM, 2000), lançado em 1910 por Olavo Bilac e Manuel Bonfim, mesmo sendo publicado antes do Jeca Tatu de Monteiro Lobato e de “Saudade” de Tales de Andrade, já carregava consigo uma forte conotação nacionalista, no entanto, não entrava no embate “campo e cidade” ou mesmo da modernidade como vimos anteriormente, mas buscava abordar a formação do território nacional e as diferenças e

³ Sobre a obra de Tales de Andrade, ver: VALE, A. D. **Tales de Andrade: Representações de Brasil**. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2009.

características das regiões brasileiras, vislumbrando criar nos seus leitores infantis um sentimento de nacionalidade.

Os personagens de Bilac e Bonfim em “Através do Brasil” buscam informar sobre as diferentes paisagens da geografia brasileira, sobre nossa história oficial e sobre os diferentes costumes e culturas espalhados pelo Brasil e com os quais seus personagens entram em contato na medida em que viajam pelo território brasileiro na tentativa de encontrar seus familiares. Bilac e Bonfim buscam uma maneira de criar um conjunto de elementos para dar conta da amplitude geográfica e cultural brasileira, ficando clara a preocupação com a coesão do território nacional. A nacionalidade, neste caso, está atrelada ao território, à coesão nacional, tema também importante e extremamente presente nas primeiras décadas do governo republicano e, conseqüentemente, do início do século XX.

O autor Botelho (2002), que nos ajuda a entender e a interpretar a importância e a relevância do livro “Através do Brasil”, considera que o conjunto da narrativa desse livro pode ser entendido como um plano fundamental para a sociedade brasileira de sua época, ou seja, a sociedade brasileira precisava se conhecer realmente, criar uma nação efetiva, vencer os fantasmas da escravidão recente e modernizar-se e o livro de Bilac e Bonfim seria uma forma de iniciar esse plano nacional.

Nesse sentido, os leitores de “Através do Brasil” entrariam em contato com os elementos característicos da diversidade geográfica e cultural brasileira, transformando-se e educando-se, além de tomarem partido de um projeto político, ou, nas palavras de Botelho:

Sintetizando o empenho intelectual comum de seu tempo, Através do Brasil procura converter sistematicamente no plano da narrativa a coletividade social, compreendida pela jornada de seus personagens Carlos e Alfredo, à idéia de nação. Mais do que no significado, no entanto, é no sentido dessa jornada que podemos entrever sua particularidade em relação à tradição literária brasileira: trata-se de uma jornada educativa na qual as personagens – bem como, nas escolas, os leitores – vão aprendendo sobre si próprias justamente na medida em que se explicitam os laços que as prenderiam à coletividade social mais ampla da qual fazem parte. (BOTELHO, 2002, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando este texto, a produção da literatura infantil brasileira, nas primeiras décadas do século XX, momento efetivo de seu desenvolvimento, refletia as principais questões sociopolíticas de seu tempo, mais precisamente a nacionalidade, seja com a necessidade da superação dos laços que nos seguravam ao passado e à falta do progresso, no caso do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, seja buscando resistir à modernidade e valorizando a necessidade e a importância do homem do campo para o Brasil, caso da obra do autor Tales de Andrade, ou valorizando, desvendando e promovendo informações sobre a geografia do território brasileiro e das suas especificidades regionais, caso de “Através do Brasil” de Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Cada autor à sua maneira, cada personagem com suas características próprias: o que movia as preocupações dos primeiros e mais importantes escritores de literatura infantil no Brasil era a própria sociedade brasileira, os caminhos a serem tomados, o que seria valorizado e o que seria substituído, qual projeto político seria implantado e com quais características.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Tales. **Saudade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 64ª Edição, 1974.
- ARRIÈS. P. **História da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LCT, 2006.
- ARROYO. L. **O Tempo e o Modo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968.
- BILAC, Olavo & BONFIM, Manoel. **Através do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BOTELHO, A. **Aprendizado do Brasil**. Campinas: Unicamp, 2002.
- CARVALHO. J. M. **A Formação das Almas**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias**. São Paulo: Ática, 1991.
- NAXARA. M. R. C. **Estrangeiro em Sua Própria Terra**. São Paulo: Ed. Annablume, 2002.
- VALE, A. D. **Tales de Andrade: Representações de Brasil**. Piracicaba: Biscalchin Ed. 2009.